

“Isabella é uma rosa impedida de desabrochar em nosso jardim” – Uma análise das expressões metafóricas na conceitualização de violência

Léia Cruz de Menezes*

Resumo

"Anjo" [menina de seis anos] versus "monstros" [pai biológico e madrasta] no centro de um "circo armado" [cobertura midiática] que alimenta uma vocação coletiva para "envergar a toga" [fazer justiça]. Por que a recorrência da metáfora na conceitualização de violência na linguagem cotidiana? Neste artigo, sustentamos que a metáfora justifica-se por ser parte do sistema humano de organização do pensamento, portanto mecanismo que nos permite fazer sentido no universo (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Partindo da classificação da metáfora conceptual empreendida por Grady (1997), analisamos o modo como se dá o compartilhamento de características entre os domínios conceptuais projetados nas metáforas de semelhança constitutivas dos comentários de leitores do blog de Ricardo Noblat ao longo da discussão do caso policial Isabella Nardoni e procedemos a uma leitura dos sentimentos de empatia e antagonismo presentes na construção de objetos de discurso por meio de metáfora.

Palavras-chave

Metáfora conceitual; metáfora de semelhança; conceitualização de violência; linguagem cotidiana; construção de objetos de discurso

Abstract

"Angel" [six-year-old girl] versus "monsters" [biological father and step-mother] in the center of a "circus" [media broadcasting] that feed a massive vocation to "bend the log" [make justice]. Why the use of metaphor in the conceptualization of violence in the everyday language? In this article, we state that the metaphor is justified for being part of the human system of thought organization, though, a mechanism which allows us to be part of the universe (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Using the conceptualization of metaphor established by Grady (1997), we analyze how the sharing of features among the conceptual domains projected in the metaphors of constitutive similarity found in the readers' comments of Ricardo Noblat's blog along the discussion of the Isabella Nardoni police case takes place and proceed a reading of feelings of empathy and antagonism present in the speech objects construction through the metaphor.

Keywords

Conceptual metaphor; metaphor of similarity; conceptualization of violence; everyday language; speech objects construction

* Estagiária de Pós-doutoramento na Universidade Federal do Ceará, em colaboração com a Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. Introdução

Nos anos 1980, com o lançamento da obra *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, uma nova visão da natureza da metáfora populariza-se. A metáfora passa a ser entendida como forma de raciocínio. Lakoff e Johnson argumentam que “nosso sistema conceitual, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3).

Se o nosso sistema conceitual é metafórico, a metáfora é, portanto, parte do sistema de organização do pensamento, conseqüentemente os usos cotidianos da linguagem estão impregnados de metáforas, que atuam como mecanismos que permitem ao ser humano fazer sentido no universo. Nessa linha de pensamento, conhecida como Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora é definida como o entendimento de um domínio conceitual em termos de outro domínio conceitual; não em termos de similaridades entre características intrínsecas aos objetos, coisas e seres no mundo objetivo.

Se, para a perspectiva clássica de compreensão da metáfora, os traços dos objetos, dos seres e das coisas presentes no mundo objetivo impõem-se à nossa percepção e esses traços são apreendidos pelo ser humano via experiência, gerando, assim, construções metafóricas de semelhança do tipo “Aquiles é um leão”, pela teoria da metáfora conceitual, as metáforas são entendidas como modelos de associação dentro de redes neurais ativadas. Tem-se que entre “leão” e “pessoa corajosa” há sobreposição de um traço, a coragem, que eles apenas aparentemente compartilham. A ativação desse traço dá-se por semelhanças percebidas pelo ser humano; entre um comportamento de um ser irracional e um comportamento de um ser racional. Observamos, assim, que não são os traços que se impõem objetivamente a nós, somos nós que, apoiados em todo um contexto sócio-histórico-cultural, reelaboramos os dados sensoriais para efeito de compreensão.

Assim como o entendimento da metáfora afastou-se de uma perspectiva essencialista da linguagem, o mesmo ocorreu com o conceito de referente. O conceito de referente, por muito tempo, esteve atrelado à ideia do “real”, às coisas extralinguísticas, apreendidas objetivamente por nossa percepção. Na Linguística do Texto, hodiernamente, concebe-se que os objetos da realidade são construtos culturais, daí a denominação “objetos de discurso”, ou seja, representações alimentadas pela atividade linguística.

Partindo do entendimento segundo o qual o nosso cérebro não opera como um sistema espelhado do mundo biossocial, nossa maneira de ver e dizer o “real” é, portanto, uma reelaboração, para fins de compreensão, dos dados que apreendemos pelos sentidos. E essa reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (KOCH; MARCUSCHI, 1998, apud KOCH, 2004, p. 57). Nessa acepção, a discursivização do mundo por intermédio da linguagem dá-se como processo de (re)construção interativa do próprio real. Os *referentes* são, portanto, o produto de nossa percepção e o ato de *referenciação* “privilegia a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores” (MONDADA, 2001, p. 9, apud KOCH, 2004, p. 61).

Tendo em vista que as metáforas de semelhança são geradas pela percepção humana (percepção essa que é sócio-historicamente situada) de semelhanças entre objetos; tendo em vista, também, que é a percepção humana a responsável pela escolha do material conceitual mapeado entre os elementos que entram na composição da metáfora de semelhança, constatamos que esse tipo metafórico é bastante produtivo na construção de objetos de discurso. Acreditamos, assim, que a análise das metáforas de semelhança na tessitura dos textos¹ permite-nos compreender os aspectos avaliativos e afetivos na constituição de objetos de discurso, possibilitando-nos uma compreensão dos valores subjacentes às representações de objetos de discurso como *situações, interações, grupos, instituições, indivíduos* em dado momento sócio-histórico.

Destacamos que as expressões metafóricas só podem ser compreendidas em suas significações mediante análise do co(n)texto, haja vista realizarem-se no discurso. Assim, compreender a metáfora de semelhança na construção de objetos de discurso vai muito além da compreensão da relação pontual entre anáfora (expressão metafórica) e antecedente (termo (re)categorizado por uma expressão metafórica). Nas palavras de Leite (2007, p. 115), lemos:

1 Adotamos a concepção de texto assumida por Cavalcante (2011, p.17): “O texto não representa a materialidade do cotexto, nem é somente o conjunto de elementos que se organizam numa superfície material suportada pelo discurso; o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciadador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural. [...] Partimos, assim, de uma noção de texto como fenômeno comunicativo, o que supõe uma visão de coerência/coesão e de textualidade que não depende exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos no cotexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores”.

[...] o papel das pistas linguísticas cotextuais é de suma importância, uma vez que estas contribuem para a ativação de esquemas conceituais metafóricos estabilizados ou não na mente do leitor, e, conseqüentemente, para a construção do sentido textual. Sendo assim, a seleção dos traços conceituais necessários ou indispensáveis para se estabelecer a relação metafórica somente é possível pela integração simultânea, no ato interpretativo, de aspectos cognitivos, linguístico-textuais e conhecimento sócio-culturalmente partilhado.

2. A metáfora de semelhança

Segundo Grady (1997), há dois possíveis tipos de relacionamento lógico entre os conceitos; a saber: **a correlação** e **a percepção de semelhança**. As metáforas conceituais, portanto, ou são geradas por correlação entre domínios experienciais distintos [caso das chamadas *metáforas primárias* e das *metáforas compostas de primárias*] ou por percepção de semelhança entre objetos [caso das chamadas *metáforas de semelhança*; das *metáforas de imagem* e das *metáforas do tipo genérico/específico*].

As metáforas correlacionais são frutos de mapeamentos entre domínios conceituais de níveis distintos, mapeamentos esses licenciados, em princípio, por um modelo cultural. Assim, a metáfora DESEJAR É TER FOME, por exemplo, é gerada a partir da correlação entre um domínio fonte, que é sensorial, no caso, SENTIR FOME, e um domínio alvo, que envolve resposta ao input sensorial da fome, no caso, O DESEJO DE SACIAR A FOME. O fato de sentirmos, recorrentemente, fome e de esta experiência vir acompanhada de um desejo é o que gera a metáfora DESEJAR É TER FOME. Por sua vez, esta licencia expressões metafóricas na língua, tais quais: “Ela tem sede de reconhecimento”, “Ela tem fome de poder”.

Grady (1997), no entanto, percebeu que várias expressões metafóricas recorrentes nas línguas naturais não são geradas por correlações entre domínios experienciais distintos. Uma dessas expressões é a comumente citada como ilustração da clássica teoria da similaridade, a saber: “Aquiles é um leão”.

Tornemos às metáforas geradas por correlação a fim de melhor compreendermos a distinção entre uma metáfora do tipo “Ela tem fome de poder” (correlacional) e uma do tipo “Aquiles é um leão” (não-correlacional). De acordo com Grady (1997), a base da metáfora gerada por correlações é a **cena primária**. Esta é uma representação cognitiva de uma experiência recorrente envolvendo relação estreita entre duas dimensões experienciais. Assim, metáforas como DESEJAR É TER FOME, DIFICULDADES SÃO PESOS e QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, as quais licenciam, respectivamente, as expressões “Ele tem fome de poder”, “Isso tem sido um fardo em

minha vida” e “A população dos países europeus continua baixando”, são adquiridas inconscientemente, automaticamente, via processo de aprendizagem neural.

Voltemos, à luz do que acabamos de expor, à metáfora “Aquiles é um leão”. Se postulássemos que essa metáfora é gerada por correlação entre o domínio fonte (leão) e o domínio alvo (homem corajoso), teríamos de admitir: (1) a existência de experiências recorrentes capazes de viabilizar a associação entre uma pessoa brava e um leão, de modo a constituir uma cena primária; (2) a existência do atributo “coragem” na caracterização de leão, o que serviria de motivação para a metáfora PESSOAS BRAVAS SÃO LEÕES. Conforme argumenta Grady (1997), as experiências de um homem ocidental, na contemporaneidade, com o animal leão não são suficientes para a formação de uma cena primária. Além disso, a coragem leonina é uma característica humana que nós, humanos, projetamos na atitude do leão, o qual age instintivamente. Essa característica não é parte dos elementos constitutivos do esquema de leões – aparência, habitat, hábitos noturnos etc.

Com base nessas observações, pondera Grady (1997) que o mapeamento entre leão e homem corajoso “é muito provavelmente baseado na percepção de aspectos comuns em seus comportamentos” (GRADY, 1997, p. 222).

Em que diferem as chamadas metáforas geradas por percepção de semelhança das clássicas metáforas de similaridade? Analisemos a metáfora “Aquiles é um leão” à luz de ambos os paradigmas – o clássico e o da teoria da metáfora conceitual – a fim de elucidarmos essa questão.

Pelo paradigma clássico, a constituição da supracitada metáfora é assim entendida: no plano real, há uma ideia ou coisa a ser definida ou expressa, no caso, “pessoa corajosa”; no plano imaginário, há uma outra ideia ou coisa, no caso, “leão”, em que a imaginação percebe alguma relação ou semelhança com o plano real. Essa área de semelhança entre “pessoa corajosa” e “leão” é possível porque entre as expressões comparante (“leão”) e comparada (“pessoa corajosa”) há semas – unidades mínimas de sentido – idênticos. Quanto maior for o número de semas compartilhados entre o termo comparante e o comparado, tanto mais expressiva, tanto mais congruente é a metáfora. Assim, entre “leão” e “pessoa corajosa” haveria, pelo menos, um sema compartilhado que permite a constituição da metáfora.

Pela teoria da metáfora conceitual, as metáforas são entendidas como modelos de associação dentro de redes neurais ativadas. Tem-se, que entre “leão” e “pessoa

corajosa” há sobreposição de um traço, a coragem, que eles apenas aparentemente compartilham. A ativação desse traço dá-se por semelhanças percebidas pelo ser humano; entre um comportamento de um ser irracional e um comportamento de um ser racional.

Contrastando as duas análises em apreciação, temos que, no paradigma clássico, postula-se um compartilhamento de semas, culturalizados e codificados, entre os termos constitutivos da metáfora. Portanto, é o compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido na metáfora que viabiliza a construção metafórica. Esses traços, na medida em que constituem os sememas de cada elemento envolvido na metáfora, passam a constituir a significação dos lexemas “leão” e “pessoa corajosa”. A questão é: qual a base para a constituição desses traços?

Na perspectiva da teoria da metáfora conceitual, por seu turno, admite-se que não há o compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido na metáfora; há sobreposição de um traço só aparentemente compartilhado. Como já consideramos, segundo a argumentação desenvolvida por Grady (1997), entre “leão” e “pessoas corajosas” não há dimensões correlacionais geradoras de uma conceituação que embase uma metáfora primária; o que ocorre é a ativação de uma sobreposição – um comportamento instintivo é superposto a um comportamento humano; o qual passa por um processo de animalização. A base para a constituição dessas percepções de semelhanças encontra-se nos mecanismos cognitivos da percepção e da categorização; incluindo, provavelmente, o papel estruturador dos sistemas imagéticos. Grady (1997) admite a necessidade de estruturação de uma Teoria de Semelhança, para uma melhor caracterização dessas metáforas a partir da compreensão de nossas habilidades de estabelecer semelhanças.

Em suma, enquanto na perspectiva clássica postula-se a existência de traços inerentes à significação dos componentes de uma metáfora, na perspectiva teórica da metáfora conceitual postula-se a percepção de alguns aspectos não inerentes aos membros envolvidos na metáfora. Nossa capacidade de percepção não implica similaridade literal.

3. Expressões metafóricas na conceitualização de violência – dados da pesquisa

Partindo da hipótese de que as expressões metafóricas geradas por semelhança, recorrentes no uso linguístico cotidiano, são expressões que se prestam à construção de objetos de discurso e que o estudo de tais metáforas nos permite compreender os aspectos avaliativos e afetivos na constituição de tais objetos, empreendemos análise das expressões metafóricas mediante as quais usuários de *blogs* conceitualizam “violência”.

O *corpus* de nossa pesquisa é constituído por comentários postados no blog de Ricardo Noblat [<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>] ao longo da discussão do caso policial Isabella Nardoni. Nessa instância digital de interlocução, as mensagens dos leitores são partes de um diálogo travado entre leitores e blogueiro e entre leitores em torno de um tema em pauta.

O caso Isabella Nardoni refere-se à morte da menina brasileira Isabella de Oliveira Nardoni, de cinco anos de idade, que foi jogada do apartamento de seu pai, localizado no sexto andar do *Edifício London*, em São Paulo, na noite do dia 29 de março de 2008. O caso gerou grande repercussão nacional e, em função das evidências deixadas no local do crime, Alexandre Alves Nardoni e Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, respectivamente pai e madrasta da criança, passaram a réus de ação penal. O pai e a madrasta de Isabella afirmaram que o prédio onde residiam foi assaltado e que a menina foi jogada por quem assaltou o prédio. Os laudos periciais não registraram indícios de uma possível terceira pessoa adulta na cena do crime, além do pai e da madrasta.

Durante os meses de abril e maio de 2008, a imprensa brasileira voltou-se para a divulgação do caso Isabella Nardoni. Ao longo de toda a grade da programação televisiva dos canais abertos, e amplamente via internet, informações acerca do caso eram divulgadas – inclusive com interrupções da programação corrente, no caso das emissoras de TV, com o fim de propiciar ao telespectador *flashes*, ao vivo, da entrada do apartamento do casal Alexandre e Anna, da casa dos pais de Alexandre Nardoni, da casa da mãe de Isabella, da porta da delegacia onde o casal prestaria depoimento etc. Blogs também sofreram modificações em suas linhas usuais de debate. Exemplo disso foi a visibilidade dada ao caso por *blogs* que, tradicionalmente, versam sobre a cena política

do país. O blog do jornalista Ricardo Noblat, por exemplo, em um só dia, destinou o espaço de seis postagens ao caso Isabella, sendo este inclusive o tema da enquete e da charge do dia. A cada postagem do blogueiro, os leitores do *blog* entravam em cena com seus comentários.

Ao longo de abril e maio de 2008, portanto, acompanhamos as discussões travadas pelos leitores do *blog* do jornalista Ricardo Noblat e coletamos várias expressões metafóricas por eles utilizadas na representação dos “objetos” sociais envolvidos no chamado caso policial Isabella Nardoni.

Mediante análise dos dados, observamos, na constituição das expressões metafóricas utilizadas nos comentários dos leitores do blog, associações recorrentes entre **situações reais** e **representações ficcionais**. Por meio de metáforas, os leitores externaram ora sentimento de empatia ao casal acusado do crime, ora sentimento de antagonismo ao casal, conceitualizando violência, na acepção de cerceamento da justiça e do direito, com imagens linguísticas muitas vezes inusitadas, tendo em vista as relações de similaridade estabelecidas entre os dois pares de conceitos acima.

4. Associações entre situações reais e representações ficcionais – análise dos dados

Às 16h49min do dia 9 de abril de 2008, é postada no blog de Ricardo Noblat matéria intitulada “Promotor diz que pai matou a filha”. Segundo o conteúdo postado, é atribuída ao promotor do caso, Francisco José Cembranelli, a seguinte declaração em relação ao pai da Isabella: “um vagabundo, que sempre viveu às custas do pai, um playboy”. Entre os comentários ao conteúdo postado, destacamos o seguinte:

(1) “Tudo é *tabajara* no Brasil. Tudo é pessoal, nada profissional e técnico, tudo é política. Eu não sei se foi o pai ou a mãe ou madrasta, mas a farra está correndo solta com esse caso desde o início, a imprensa fala o que quer, os procuradores e polícia fazem a farra da imprensa. *Uma zorra total*, eu sinceramente não levo a sério nem um centímetro de qualquer conclusão sobre esse caso atingida nesse clima de carnaval. Não dá pra levar essas autoridades a sério. O fato dele ser playboy ou vagabundo não o culpa de homicídio....assim como tem procurador assassino, que atira em briga de rua e mata inocentes. Lembram?” [Postado em 10.4.2008/0h55min]

A análise co(n)textual dessas expressões (Tudo é *tabajara* no Brasil / *Uma zorra total*) revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *piada* do domínio conceitual de programa de entretenimento para o de situação na vida real. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual o gênero ficcional evocado (programa humorístico) caracteriza-se pelo predomínio

do deboche, daquilo que não é para ser levado a sério; o que é mapeado para o domínio conceitual de situação de investigação policial.

No comentário em apreciação, dois famosos programas humorísticos transmitidos pela TV aberta brasileira são evocados: *Casseta & Planeta urgente* e *Zorra Total*. Ao afirmar que “Tudo é tabajara no Brasil”, o autor do comentário faz referência à famosa “Organizações Tabajara”, quadro do programa *Casseta & Planeta urgente*, exibido pela Rede Globo de Televisão até 2010. Por meio da Tabajara, teciam-se críticas a assuntos em pauta, como casos de corrupção, ou a assuntos recorrentes, como a precariedade do transporte público nas grandes cidades brasileiras. Assim, ao som da vinheta das “Organizações Tabajara”, os telespectadores do humorístico eram surpreendidos com ofertas destinadas a políticos corruptos, como o “Kit Ficha-Suja Disfarceitor Tabajara – único em sua categoria que disponibiliza centenas de etiquetas auto-colantes e auto-elogiantes para você limpar a sua barra e a sua ficha” – e com ofertas destinadas aos usuários de transporte público, como o “Traje Ferroviário Anti-porradeitor Tabajara – ideal para quem viaja de trem e não aguenta mais o serviço de bordo” [<http://casseta.globo.com/CassetaePlaneta/Tabajara/0,,16816,00.html>]. Além de se prestar às críticas sociais mencionadas, a Tabajara também era meio indireto de crítica ao marketing que maximiza os feitos dos produtos ofertados. A expressão “Tudo é tabajara no Brasil”, portanto, aqui compreendida como metáfora de “investigação do caso Isabella”, configura uma avaliação extremamente negativa da capacidade resolutiva da instituição policial: “não dá pra levar essas autoridades a sério”, diz o leitor do blog.

Ainda no mesmo comentário, faz-se referência ao humorístico *Zorra Total*, exibido pela Rede Globo de Televisão. Como o próprio nome avisa ao telespectador, a proposta do humorístico é ser uma grande bagunça, geradora de entretenimento pelo inusitado. Ao caracterizar as investigações do caso Isabella como “uma zorra total”, o autor do comentário evoca, indiretamente, pois o nome está em letras minúsculas, uma semelhança entre o programa de humor que leva esse nome e as investigações do caso, desacreditando o trabalho investigativo.

Às 18h58min do dia 11 de abril de 2008, é postada no blog de Ricardo Noblat uma *Opinião de leitor*, intitulada “Caso Isabella – o que a gente quer”. Segundo o conteúdo postado, é atribuída ao autor do texto, identificado pela alcunha VelvetPoison, a seguinte declaração: “Portanto, todo mundo que acompanha essa tragédia de horrores

torce para que a investigação conclua pela inocência desses dois [o pai e a madrasta de Isabella]. Isso é o que a gente quer...” Entre os comentários ao conteúdo postado, destacamos o seguinte:

(2) “Desculpe por meter a colher no seu angu. A gente deveriar² querer também que delegados, promotores e peritos fiquem calados, cumprindo com suas obrigações legais, não se propondo a participar desse *bizarro BBB*. Só questão de tempo para sermos informados que um programa pseudo-jornalístico disponibilizou um 031 para que escolhamos quem continua. No caso, no caso e não na casa. Ser culpado e exposto à sanha dos brucutus, ao linchamento só após ser considerado culpado é coisa para gente incivilizada, que não tem com que se preocupar. O Sr Francisco aí do post abaixo, ficaria bem de “promoteur”.” [Postado em 11.4.2008/19h24min]

A análise co(n)textual dessa expressão (bizarro BBB) revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *exposição em prol de fama* do domínio conceitual de programa de entretenimento para o de situação na vida real. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual o programa de entretenimento evocado (Reality Show Big Brother Brasil) caracteriza-se pelo predomínio da exposição demasiada de pessoas desconhecidas do grande pública em busca de fama; o que é mapeado para o domínio conceitual de situação de investigação policial. Assim, o autor desse comentário assemelhou a atitude do promotor do caso, Francisco José Cembranelli, que, segundo o leitor do blog, “ficaria bem de ‘promoteur’”, bem como de delegados e peritos à atitude dos participantes do BBB; chamativa de atenção em prol de curta fama.

A expressão “bizarro BBB”, aqui compreendida como metáfora de “atuação dos agentes da lei no transcurso da investigação do caso Isabella”, configura uma avaliação negativa do comportamento das autoridades investigativas. Como os “brothers”, essas autoridades estariam sob os holofotes, sem mensurar a repercussão de seus atos e declarações, desde que esses os mantenham sob os holofotes, o que é avaliado, pelo autor do comentário, como uma atitude incompatível com o cumprimento das obrigações legais que os respectivos cargos – delegado, promotor, perito – imputam a tais indivíduos.

Às 20h21min do dia 19 de abril de 2008, é postada no blog de Ricardo Noblat uma *Opinião de leitor*, intitulada “Que tipo de educação tiveram esses pais?”. Segundo o conteúdo postado, é atribuída ao autor do texto, identificado como Marco Antonio Neuhaus da Silva, a seguinte declaração: “Que pai é este? Que mãe é esta? Que tipo

2 Nos comentários aqui transcritos, há equívocos de grafia e problemas de pontuação. Não procedemos a ajustes linguísticos aos comentários a fim de mantermos a autenticidade. Nos comentários postados em blogs, há uma manifestação escrita próxima da fala coloquial.

de educação foi dada pela família Nardoni a seus filhos? Aonde estão os valores familiares desta família? Pelo jeito, o papai dava tudo... A mamãe passava a mão na cabeça do filho. E agora está aí o resultado... Um crime hediondo.” Entre os comentários ao conteúdo postado, destacamos o seguinte:

(3) “que tipo de educação todos tivemos para entrarmos neste estado de quase hipnose diante do noticiário sobre isabella? Que educação tiveram os que transformam esta tragédia no “*maior espetáculo da terra*”? Em que “datenás” podem se considerar melhor que os Nardonis? Quantos de nós, severos juizes das desgraças alheias, matam uma isabella por dia?” [Postado em 19.4.2008/20h48min]

A análise co(n)textual da expressão “maior espetáculo da terra” revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *encenação* do domínio conceitual de gênero ficcional para o de situação na vida real. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual o clássico da sétima arte (*The Greatest Show on Earth – O Maior Espetáculo da Terra*) caracteriza-se pelo predomínio da dor, em paradoxal ambiente de alegria – o circo; o que é mapeado para o domínio conceitual de cobertura midiática do caso Isabella. À semelhança do circo retratado na ficção dirigida por Cecil B. DeMille, nossa mídia constrói um espetáculo alicerçado na dor alheia. Em decorrência da importância da referida obra cinematográfica, a expressão “maior espetáculo da terra” remete a espetáculo de magnitude excepcional, pois era essa a proposta do circo representado na ficção, e ao drama de suas personagens, especialmente o do palhaço Buttons, interpretado por James Stewart, médico que se escondia da polícia atrás da alegria do palhaço, pois era procurado por ter realizado o procedimento de eutanásia em sua esposa, que sofria à beira da morte.

A expressão “maior espetáculo da terra”, aqui compreendida como metáfora de “cobertura midiática do caso policial Isabella”, configura uma avaliação negativa do comportamento dos jornalistas à frente da cobertura do caso. Esses são, segundo o autor, “datenás”. Ou seja, pseudo-jornalistas, que atuam como José Luiz Datena (âncora do programa sensacionalista chamado “Brasil Urgente”, exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão), comunicador bastante criticado pela exploração, para efeito de audiência, de situações catastróficas.

Constatamos que a metáfora *situações reais são representações ficcionais* licenciou, respectivamente, nas representações da **investigação do caso Isabella**, da **atuação dos agentes da lei no transcurso da investigação do caso Isabella** e da

cobertura midiática do caso Isabella, as expressões metafóricas “Tudo é tabajara no Brasil / Uma zorra total”, “bizarro BBB” e “maior espetáculo da terra”.

Nos três comentários analisados, observamos sentimento de empatia da parte dos leitores do blog quanto aos ainda supostos criminosos – o pai e a madrasta da menina assassinada – e forte sentimento de antagonismo na construção dos objetos de discurso “investigação do caso Isabella”, “atuação dos agentes da lei no transcurso da investigação do caso Isabella” e “cobertura midiática do caso Isabella”. Os três comentários em apreciação revelam uma tendência que percebemos em vários outros comentários logo no início da divulgação desse caso policial. Os leitores do blog externam que se sentem violentados tanto por aqueles que devem dar respostas a casos de violência, quanto pelos que devem manter a população informada dos fatos. Se o processo investigativo é uma “zorra total” no melhor estilo “tabajara”, se os agentes da lei se comportam como se participassem do “BBB” e se “datenas” transformaram a cobertura midiática de um assassinato no “maior espetáculo da terra” toda a ordem social que garante a sensação de justiça e a de fidedignidade informativa está distorcida: a ordem que se entende vigente foi violentada.

Paralelamente às postagens de manifestação de empatia ao pai e à madrasta de Isabella, em decorrência da sensação de violência por parte dos agentes da lei e dos repórteres, fazem-se notar postagens de antagonismo ao pai e à madrasta. Com a continuação das investigações do assassinato da menina e consequente divulgação de indícios que apontam o pai e a madrasta como alvos, gradativamente observa-se que o sentimento de antagonismo ao processo investigativo em curso, à atuação dos agentes da lei envolvidos na investigação e à cobertura midiática vai cedendo espaço à manifestação de sentimento de antagonismo ao pai e à madrasta, e, assim, novos objetos de discurso são construídos metaforicamente, conforme observaremos na análise dos comentários a seguir.

Às 14h36min do dia 17 de abril de 2008, é postada no blog de Ricardo Noblat matéria intitulada “Rosto de Isabella foi limpo antes de ela ser jogada”. Segundo o conteúdo postado: “O trabalho do Instituto de Criminalística (IC) concluiu que não tinha no apartamento mais ninguém além do casal Alexandre Nardoni, 29, e Anna Carolina Jatobá, 24, no momento em que Isabella de Oliveira Nardoni, 5, foi morta e atirada do apartamento do pai [...]” Entre os comentários ao conteúdo postado, destacamos o seguinte:

(4) O mais provável, pelo que já se viu através dos laudos e das testemunhas, é que essa infeliz criança foi esganada pela madrasta e desfaleceu. O bandido do “pai” chegou e, burramente, julgando que a Isabella estivesse morta, pelo fato de está desmaiada e para livrar a mulher do crime, então cortou a tela de proteção e jogou a Isabella pela janela, isso é fácil crer em vista de que só ele, entre o casal de fascínoras, tinha força pra tal, Isabella era uma criança muito grande e pesada. Depois de perpetrado o HEDIONDO CRIME fizeram aquela encenação ridícula e, junto com os “advogados” do diabo inventaram cabeludas e covardes mentiras. [Postado em 17.4.2008/17h22min]

A análise co(n)textual da expressão “advogados do diabo” revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *falta de escrúpulos* do domínio conceitual de gênero ficcional para o de situação na vida real. Nesse comentário, há referência ao filme “Advogado do Diabo” (The Devil's Advocate). Nessa obra ficcional, o próprio Diabo (personagem John Milton, interpretado por Al Pacino), que não se apresenta como tal, é dono da maior firma de advocacia de Nova Iorque. Ele contrata, com grandes benefícios financeiros, o jovem e bem-sucedido advogado Kevin Lomax (interpretado por Keanu Reeves). A primeira missão desse jovem é defender um cliente de John Milton – acusado de triplo assassinato. À semelhança de Lomax, advogado na ficção, os defensores do pai e da madrasta de Isabella procuram inocentar o casal a todo o custo, passando por cima de todas as evidências que recaem sobre o casal – a questão é vencer, não fazer justiça.

A expressão “advogados do diabo”, aqui compreendida como metáfora de “defensores do casal Alexandre e Anna”, configura uma avaliação negativa dos advogados de defesa do casal e, por seu turno, uma afirmação peremptória da culpa do casal no assassinato sob investigação.

Quanto à alegação dos advogados de defesa do casal Nardoni, que insistem na existência de uma terceira pessoa na cena do crime – um possível ladrão que adentrou o apartamento do casal e vitimou Isabella – várias postagens de Noblat destacaram a dificuldade de sustentação dessa versão. Por exemplo, na postagem do dia 20 de abril de 2008, às 23h50min, sob o título de “Entrevista do casal Nardoni – a defesa agradece” lemos: “Seria possível que em apenas 12 minutos Alexandre tirasse Isabella do carro, tomasse o elevador carregando-a nos braços, abrisse com uma chave a porta do seu apartamento, percorresse parte dele, deitasse Isabella na cama, acendesse a luz da mesinha de cabeceira, desse meia-volta, fechasse a porta, tomasse novamente o elevador, se reunisse outra vez com o resto da família na garagem, ajudasse a mulher a transportar para cima os outros dois filhos – enquanto o verdadeiro assassino entrava

no apartamento, esganava Isabella, enxugava com uma fralda parte do seu sangue, procurava uma faca e uma tesoura para abrir um buraco na rede de proteção da janela, lançava por ali o corpo da menina e escapava sem ser visto tendo antes o cuidado de trancar a porta do apartamento à chave?” Entre os comentários ao conteúdo postado, destacamos o seguinte:

(6) Livre pensar é só pensar..... mas essa do vizinho ou quem quer que seja é bastante iverossímel matar uma criança a troco de nada e depois ainda aremessa-la pela janela *nem nos mais elocubrados trilers americanos de serial killers* [Postado em 21.4.2008/22h04min]

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *violência* do domínio conceitual de gênero ficcional (“trilers americanos de serial killers”) para o de situação na vida real. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual o gênero ficcional evocado caracteriza-se pelo predomínio da violência causada por psicopatias, e, nos mais fantasiosos exemplares do gênero, como destaque o autor do comentário, atos de violência insustentáveis na vida real são apresentados; o que é mapeado para o domínio conceitual de situação de violência real, numa tentativa de desacreditar a argumentação apresentada. Assim, a expressão “nem nos mais elocubrados trilers americanos de serial killers”, aqui compreendida como metáfora de “versão defendida pelos advogados do casal Alexandre e Anna”, configura uma avaliação negativa da alegação segundo a qual uma terceira pessoa teria feito essa violência contra Isabella.

Observamos que o autor do comentário está se valendo de ironia ao evocar que tamanha crueldade não era vista nem em um filme de *serial killers*. Com a evocação dessa semelhança entre situação real e gênero ficcional, para fins de negação de evidências: o que não ocorre nem no mais elocubrado filme de *serial killers* não há como acontecer na vida real, o autor do comentário procura minar a credibilidade do discurso que defende a inocência do casal Nardoni, afirmando a culpa do casal.

Às 10h do dia 18 de abril de 2008, é postada no blog de Ricardo Noblat matéria intitulada “Caso Isabella não terá um desfecho nem tão cedo”. Nessa postagem, são lembrados casos policiais de ampla repercussão no país: o assassinato cometido pelo ex-cirurgião Jorge Farah, que, embora réu confesso, passou apenas quatro anos preso e, à época da postagem, aguardava em liberdade o trânsito em julgado de eventual condenação, e o assassinato cometido pelo ex-diretor de Redação do jornal *O Estado de*

São Paulo Antônio Marcos Pimenta Neves, que embora culpado e condenado a 18 anos de prisão, passou apenas sete meses preso e, à época da postagem, recorria da condenação em liberdade. O jornalista Noblat traça um paralelo entre esses dois casos e o da menina Isabella, concluindo: “Nem tão cedo haverá um desfecho para a trágica morte de Isabella. Se Alexandre e Anna de fato forem culpados pela morte, jamais se saberá por que eles cometeram ato tão bárbaro.” Entre os comentários ao conteúdo postado, destacamos o seguinte:

(5) Até crimes de serra-elétrica aconteceu e está impune. Pensando bem, o Brasil superou não só os *filmes de faoeste*, mas principalmente os de terror. [Postado em 18.4.2008/20h24min]

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento dos traços *impunidade* e *pânico* do domínio conceitual de gênero ficcional para o de situação na vida real. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual os gêneros ficcionais evocados – *faroeste* e *terror* – são caracterizados, respectivamente, pelo predomínio da violência em uma terra sem lei e pelo horror causado ou pelo sobrenatural ou pelas psicopatias; o que é mapeado para o domínio conceitual de situação de violência real. O autor do comentário cita o crime noticiado também em março de 2008, pouco antes da morte de Isabella – Em Jundiaí, interior de São Paulo, mãe (de nome Elisângela) mata os dois filhos pequenos com a serra elétrica do marido – e expressa sua descrença quanto à Justiça brasileira com a expressão metafórica “o Brasil superou não só os *filmes de faoeste*, mas principalmente os de terror”.

A expressão “superou não só os filmes de *faroeste*, mas principalmente os de terror”, aqui compreendida como metáfora de “situação de violência impune no Brasil”, o que inclui o assassinato da menina Isabella, configura uma avaliação negativa da segurança no território brasileiro. Observamos que, ao sintetizar o sentimento de insegurança por meio da referida expressão metafórica, o autor do comentário aceita, tacitamente, a culpa do pai e da madrasta de Isabella, pois esses ficariam impunes como Jorge Farah, Pimenta Neves e Elisângela. O autor do comentário, portanto, sintetiza a situação de violência impune no Brasil evocando uma semelhança entre situações ficcionais e reais; no que resulta em forte imagem metafórica: os brasileiros estariam vivendo em *Era uma vez no Oeste*, tendo como vizinhos Jason Vorhees – de *Sexta-feira 13* – e *Leatherface* – de *O massacre da serra elétrica*.

Constatamos que a metáfora *situações reais são representações ficcionais* licenciou, respectivamente, nas representações dos **defensores do casal Alexandre e Anna**, da **versão defendida pelos advogados do casal Alexandre e Anna** e da **situação de violência impune no Brasil**, as expressões metafóricas “advogados do diabo”, “nem nos mais elocubrados trilers americanos de serial killers” e “superou não só os filmes de faroeste, mas principalmente os de terror”.

Nos três comentários analisados, faz-se notar sentimento de antagonismo da parte dos leitores do blog ao pai e à madrasta da menina assassinada. Pela análise dos comentários, observamos que os leitores externam que se sentem decepcionados com o comportamento de advogados, insultados em sua inteligência pela versão defendida pelos defensores legais do casal Nardoni, violentados pela situação de impunidade. Se advogados são “do diabo”, se a tese de defesa propõe uma versão não contemplada “nem nos mais elocubrados trilers americanos de serial killers” e se o país já “superou não só os filmes de faroeste, mas principalmente os de terror”, a ordem social está profundamente desacreditada.

5. Considerações finais

Como parte do sistema humano de organização do pensamento, a metáfora é um meio de reelaboração, para fins de compreensão, dos dados que nos são apreendidos via sentidos. Assim, as expressões linguísticas geradas por percepções de semelhanças entre os mais diversos pares de conceitos, por meio das quais representamos objetos de discurso, não são facultativas, o que explica a recorrência de expressões metafóricas na linguagem ordinária, e não apenas em formas de discurso mais elaborados, como o são o discurso político e o publicitário, por exemplo, os quais constituem *corpora* de vários estudos que se dedicaram à análise do potencial sugestivo da metáfora.

Sem negar-lhe o potencial sugestivo, defendemos que o estudo da metáfora, se restrito ao viés retórico, limita o fenômeno a uma questão de linguagem, característica a ela restrita, portanto. Se compreendida como parte do sistema conceptual humano, a metáfora pode ser estudada com a profundidade que lhe faz jus, a saber, como característica do pensamento e da ação, que se realiza discursivamente. Sob esse olhar, a interpretação de expressões licenciadas por metáforas pode revelar o que um povo pensa de si mesmo, de suas lideranças, o que o atinge, como o atinge etc.

Na leitura que aqui empreendemos das expressões metafóricas constitutivas de objetos de discurso em comentários de leitores do blog de Ricardo Noblat no transcórre das investigações da morte de Isabella Nardoni, constatamos que sentimentos de empatia e antagonismo se fizeram notar pelos traços mapeados entre os domínios conceptuais “situações reais” e “representações ficcionais” que entraram em cena nas expressões metafóricas. Observamos que os comentários nos quais houve manifestação de empatia para com os acusados do crime são constituídos de expressões metafóricas caracterizadas pelo antagonismo à condução da investigação, aos investigadores do caso e aos noticiadores do caso. Por sua vez, os comentários nos quais houve manifestação de antagonismo para com os acusados do crime são constituídos de expressões metafóricas caracterizadas pelo antagonismo aos defensores dos acusados, à versão da defesa e à Justiça brasileira.

As expressões metafóricas licenciadas pela metáfora *situações reais são representações ficcionais* evidenciam que, se a ficção alimenta-se da realidade, viabilizando uma interpretação do “real”, ela torna-se, na linguagem cotidiana, fonte para a reelaboração do “real”: o plano “real” alimenta o ficcional à medida que o plano ficcional viabiliza leituras do plano “real”. Somos uma espécie simbólica.

Referências

- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação*: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- GRADY, J. E. *Foundations of meaning*: primary metaphors and primary scenes. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual*: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 1980.
- LEITE, Ricardo Lopes. *Metaforização textual*: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 210f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.